O TEMPO

No dia 2 celebrou a igreja católica a Purificação da Virgem, não sabendo nós por que bulas o designam de dia da *Senhora das Candeias*. O que é certo é que o povo diz:

Quando a *Candeia* chora
Está o Inverno fora;
Se a *Candeia* ri,
Está o Inverno por vir.

Ora no dia indicado choveu, mas choveu *bestialmente*—vá lá o termo empregado pelos actuais meninos de sociedade...

Espera-se, agora, pela confirmação...

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 33.° — Sábado, 8 de Fevereiro de 1941 — N.° 1667

VISADO PELA CENSURA

O poder marítimo na História

pelo Dr. ALBERTO SOUTO

A geração a que pertenço, a dos homens de 50 anos, foi profundamente ferida e abalada pelo grande conflito mundial de 1914, de que já me ocupei considerando o como exemplo frizante da influência do domínio do mar nos acontecimentos históricos.

Mas essa geração foi espectadora de outros dramas, algumas guerras parciais que muito a apaixonaram, ao mesmo tempo que enlutavam a Humanidade, derramando o sangue precioso dos povos em vários pontos do globo.

Dessas guerras do fim do século XIX e da aurora do século XX são particularmente impressivas, pelo seu aspecto marítimo, a hispano-americana de 1898 e a russo-japoneza de 1905, provas cabais da veracidade da teoria do *sea power*, de Mahan, que resumidamente expuz no meu anterior artigo.

A guerra entre a Espanha e os Estados Unidos da América do Norte, teve por pretexto a questão de Cuba e como rastilho incendiário da opinião hianke a explosão misteriosa de um cruzador americano que se supoz ter sido torpedeado pelos espanhois.

Aí por 1912, a carcassa dêsse navio de guerra foi exumada do fundo do mar, verificando-se que fôra vítima de uma deflagração interna e não de mina ou torpedo exteriores.

A ilha de Cuba lutava pela sua independência e os espanhóis tentavam submete-la, sem que tal conseguissem os 200.000 homens que ali foram sucessivamente desembarcando.

Em 1898, os Estados Unidos, que auxiliavam visívelmente os insurretos, intervieram abruptamente no conflito e impuzeram à Espanha a retirada das suas tropas.

A guerra estalou e foi rápida e desastrosa para a Espanha que, falha de qualidades e recursos para enfrentar os tempos modernos, julgava poder manter os restos do seu império d'alem-mar pelos processos bárbaros dos seus antigos conquistadores da América.

Mahan fez parte do conselho directivo da estrategia americana e teve ocasião de aplicar em favor do seu país a sua brilhante teoria, que tanto contribuira para a preparação mental da opinião americana e para o desenvolvimento do seu poderio naval.

Efectivamente, como refere o sr. Pereira de Matos, na sua obra já citada, Mahan convencera a América de que o domínio do golfo do México era para o seu hemisfério e para a vida de relação e de expansão dos Estados Unidos, comparável, em importância estratégica e económica, ao domínio do Mediterrâneo europeu.

Êste mar, tão notável já na evolução histórica da Humanidade, embora secundário em relação aos grandes Oceanos intercontinentais, tornara-se subitamente importantíssimo pela abertura do Canal de Suez.

A abertura do Canal de Suez, bem explorada sob o ponto de vista da teoria militar-naval por Mahan, abriu os olhos do povo americano.

Suez era o caminho das Indias, a comoda, prática e rápida ligação do Atlântico e da Europa com o Indico, com a Africa Oriental, as Indias, o Pacífico ocidental e o Extremo Oriente.

Pois bem! Semelhantemente, o golfo do México, comandaria o projectado canal do Panamá, cómoda e genial ligação do Atlântico com o Pacifico, obra capital para o predomínio económico e militar nas costas dos dois oceanos e dos dois continentes, corredor aberto ao esfôrço da raça branca na sua eterna marcha para oeste.

A guerra de Cuba foi o ensejo para expulsar a Espanha do golfo e para firmar a doutrina de Monroë, vedando aos não americanos o novo caminho do Pacifico.

A Espanha, mal preparada e mal dirigida, ficou ràpidamente sem a sua esquadra esmagada em Cavite e S. Tiago.

Perdido com a esquadra o domínio do mar, perdeu a guerra e com a guerra perdeu Cuba, perdeu as Filipinas, perdeu o que lhe restava de um vasto império colonial que não soube nem poude manter, incapaz como era por sua tradição opressora, de lhe outorgar a tempo a liberdade.

Da guerra de Cuba e da luta com a América do Norte, a velha Espanha ficou com o heroísmo do almirante Cervera e com a barbara brutalidade do general Weiler, o tenebroso e cínico militarão que mais tarde, *para resarcir*, preconisava—*um passeio militar até Lisboa!*

* * *

Outra guerra impressionante pelo seu ensinamento na ordem de ideas que venho expondo, foi a russo-japoneza de 1905, em que o colosso moscovita, histórica fortaleza de tirania e barbarismo, sofreu um rude golpe vibrado hábilmente por um povo, então bem simpático, que soubera abrir à civilização, de par em par, as portas da sua velharia.

Conscios de que o domínio do mar lhes era absolutamente necessário e de que seria decisivo no conflito que se avisinhava por causa das questões da Mandchuria, os japoneses não hesitaram em praticar uma perfidia e romperam as hostilidades com um ataque de surpreza ao poder marítimo da Rússia. A Rússia era antipática e mal vista; mas o acto dos japonezes foi uma traição, uma traição hedionda que jàmais se poderá aplaudir.

Sem declaração de guerra, sem qualquer aviso, os nipónicos atacaram, de noite, a esquadra russa ancorada em Porto-Artur.

Os melhores navios russos, desprevenidos, foram inutilisados para o combate.

O mesmo sucedeu noutros portos.

Carvalho Araújo, o heróico comandante do Augusto de Castilho, e meu querido amigo e colega nas Constituintes de 1911, assistiu, quando guarda-marinha, a um dêsses episódios que da sua boca leal e indignada ouvi narrar.

Os japonezes nem os portos da China neutral respeitaram! Entraram neles e apresaram ou destruiram todas as unidades russas que aí se encontravam.

Chemulpo foi o cemitério dos restantes barcos de guerra do Czar.

Compreendendo o alcance do desastre e a importância do poder naval no teatro das operações, os russos mandaram para o Extremo-Oriente, a tôda a pressa, a sua esquadra do Báltico.

Essa medida de desespêro causou espanto no mundo. As dificuldades técnicas e políticas de tal viagem eram, na época, superiores às possibilidades e excediam a grandeza do intento. A esquadra russa não tinha no longo trajecto um só porto amigo, uma só base de escala onde podesse refazer-se e abastecer-se.

Rojestvensky, o almirante russo, teve de percorrer 18.000 milhas e gastar 17 mil toneladas de carvão por cada mil milhas do percurso.

Inútil esfôrço! Em Tsousima a esquadra do almirante Togo aniquilava totalmente a esquadra do Báltico e o poder naval da Russia.

Era a derrota completa que a vastidão da Siberia e o seu caminho de ferro não poderam afastar.

Os japonezes, senhores do mar, ficaram com o acesso livre à Mandchuria, tomaram Porto-Artur, e em batalhas sangrentas, como a de Muckden, destroçaram o poderio russo no Extremo-Oriente.

A guerra terminou pela mediação do presidente americano—o 1.° Roosevelt.

Conquistando e assegurando o domínio do mar, os japonezes tinham garantido a vitória dos seus exércitos de terra.

A influencia do poder marítimo nessas duas emocionantes guerras do nosso tempo, foi, pois, decisiva.

As derrotas da Espanha e da Russia foram a conseqüência lógica da perda da mobilidade e da liberdade sôbre o mar, isto é, da perda do domínio e do poderio marítimos.

A teoria de Mahan e as doutrinas de Calwell e Bonamico tiveram, nessas guerras, plena confirmação.

E' curioso notar que na presente guerra, que poderemos chamar a Guerra dos Gigantes, tôda a luta se está desenvolvendo à volta do domínio marítimo, e os críticos verificam que a luta dos ares não é mais do que um episódio da conquista do mar.

Apesar dos progressos da aviação, no ataque, na defeza e no transporte, o domínio do mar—o *sea power*—continúa a ser o grande objectivo das nações em luta, porque o seu império será, segundo se presume, ainda agora, o caminho da vitória.

IMPRENSA

Brados do Alentejo

Acaba de festejar com um número especial a sua entrada no 11.° ano, êste apreciado colega de Estremoz, que tem por director o sr. dr. Marques Crêspo e faz parte da empreza tipográfica que lhe dá o nome.

Impõe-se como um dos melhores semanários regionaiistas.

As nossas felicitações.

Arquivo do Distrito de Aveiro

Acha-se em distribuïção o n.° 24 da revista trimestral que nesta cidade se publica e onde muito se encontra já do que andava disperso e mal coordenado.

Os seus fundadores meteram uma lança em Africa...

Ocidente

Saiu o n.° 34 com variada colaboração e algumas ilustrações. Magnífico, como os anteriores. Bem merece o bom acolhimento do público ilustrado e culto para que, com êsse estimulo, os seguintes não lhe fiquem atraz.

Beira Vouga

Anuncia-se para breve o aparecimento dum quinzenário em Albergaria-a-Velha com o titulo da epígrafe e que se destina à defeza dos interesses da região. Dirige-o o sr. Vasco Mourisca.

Taxa militar

Deve ser paga até o dia 28 do corrente, porque, passando dessa data, dobra a importância.

Avisamos com tempo.

Sardinha fresca

Apregoou-se ante-ontem pelas ruas da cidade, mas vendeu-se a 20 centavos cada uma!

E não era da mais graúda.

O Bairro Ferroviário do Vale do Vouga

necessita que a Câmara o beneficie urgentemente

Uma comissão composta pelos srs. Manuel Fernandes Rangel, Erminio Cézar Gomes, José Dias Pinheiro, José Nunes Freire e João Simões Birrento entregou na Câmara Municipal uma representação em nome dos habitantes do Bairro Ferroviário do Vale do Vouga, pedindo, como é de justiça, a regularização e concerto dos caminhos, o seguimento do que dá acesso ao Bairro pelo lado da estrada de Esgueira e que deve terminar na da Fôrca, visto o sr. Manuel Rangel já ter cedido metade do terreno necessário e a Companhia do Vale do Vouga a outra metade, encontrando-se os alinhamentos feitos, e ainda a instalação da luz pública, indispensável a quantos ali construiram os seus prédios e a êles se têm de acolher de noite.

Não são estas obras de grande monta, de muito dispêndio, achamos. E que fossem. Trata-se dum bairro novo ao qual a Câmara deve prestar tôda a atenção, auxiliando a iniciativa particular. As construções que nêle existem, a maioria das quais electrificadas, merecem alguma coisa. E' uma questão de boa vontade e interesse da Câmara pelo engrandecimento da terra. Depois, como enxotaram da Avenida as *borbolêtas*, não faz sentido que elas procurem refugiar-se na escuridão do bairro. Por tudo, pois, consideramos a petição dos moradores do Bairro Ferroviário oportuna e digna de ser atendida o mais breve possível.

CLUBE MÁRIO DUARTE

Festas do Carnaval

A Direcção dêste Clube promove as seguintes festas elegantes no corrente mês:

Matinée infantil, no salão nobre do Clube, no dia 16, pelas 16 horas, dedicada aos filhos dos sócios.

Baile familiar no dia 20, pelas 22 horas, no salão nobre do Teatro Aveirense, com reserva dos camarotes para os sócios.

Baile de *costumes*, no salão nobre do Clube, no dia 22, pelas 22 horas.

Há o maior interêsse pelos referidos bailes, atendendo ao cunho de elegância e distinção que o Clube Mário Duarte, centro de reünião da nossa primeira sociedade, costuma dar às suas festas.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Carta de Lisboa

Iniciativa benemérita

Foi recebida com o maior aplauso o alvitre do *Diário de Notícias* para que sejam os portugueses a recolher as muitas crianças que por essa Europa fóra vivem expostas aos horrores da Guerra.

Para se ter autêntica ideia do valor desta iniciativa basta escutar as palavras que, a seu respeito, disse o sr. Cardial Patriarca.

Acentuou o venerando Chefe da Igreja portuguesa:

«No meio de tantos gritos de ódio e de tanta angústia e inquietação nas almas, o artigo do *Diário de Notícias* é uma admirável e consoladora nota de ternura.

Considero o apêlo muito oportuno e inteiramente digno do apoio de todos os que ainda desejam salvar o que ainda fôr possível da fogueira que parece queimar tudo.

Aplaudo-o e louvo-o, fazendo os mais ardentes votos por que êle ecôe e seja atendido sobretudo nos corações de todos aqueles de quem depende a palavra decisiva para dar imediata realização a tão humano e generoso pensamento. Já que não podemos salvar o presente acautelemos e preparemos o futuro.»

A opinião de S. E. é, certamente, a de todos os portugueses que tudo saberão fazer para que a brilhante iniciativa se torne breve realidade.

Justiça a Salazar

Quási simultâneamente referiram-se o mais elogiosamente possível a Salazar e à sua obra o importante jornal inglês *The Times* e o não menos importante órgão alemão *Stuttgarth N. S. Kurier*.

Dêste modo se verifica que, no meio da Europa dividida e retalhada, há ainda um assunto sôbre o qual mesmo os mais encarniçados inimigos estão de acôrdo: êsse assunto é Portugal e a obra do seu Chefe.

GIL DO SUL

Á margem da guerra

Quando do primeiro ataque aéreo italiano a Londres nem uma só bomba caíu em terra inglesa. Uma formação de Hurricanes abateu 13 aparelhos italianos em 15 minutos. Na gravura, um aparelho italiano em retirada, abatido sôbre o litoral inglês.

Assistência aos pescadores

A 1.ª reünião, em Lisboa, dos dirigentes das Casas dos Pescadores espalhadas por todo o país veio chamar a atenção do grande público para a notável realização que constitue a obra de assistência aos trabalhadores do mar, em outros tempos tão desprezados dos governantes.

Desde a assistência espiritual, traduzida em casamentos e baptizados com que se legalizaram situações diversas e que foram custeados pelas Casas dos Pescadores, até à assistência médica gratuïta, à criação de escolas primárias para algumas dessas Casas, à protecção aos pescadores inválidos e a tantas outras formas de auxílio, sem esquecer as Casas do Trabalho, a Junta Central das Casas dos Pescadores, em colaboração com outros organismos corporativos e contando sempre com a boa vontade e inteligência dos capitães dos portos, presidentes-natos das direcções das Casas, tem procurado por todos os modos melhorar a situação dos pescadores.

A reünião agora efectuada não tardará muito, com certeza, em dar os seus frutos, que o trabalho já realizado deixa antever.

Reünião de Governadores Civis

No passado dia 30 reüniram-se em Lisboa os governadores civis do continente para ouvirem o sr. ministro do Interior, que resumiu o pensamento do Govêrno sôbre a forma de executar, na parte que diz respeito às autarquias locais, as disposições do Código Administratiao agora pôsto definitivamente em vigor. Salazar recebeu também os Governadores Civis no dia 1 e, durante duas horas, tratou problemas de administração e deu directrizes para a obra a realizar.

Eis um salutar princípio, aquele a cujo desenvolvimento vimos assistindo em vários sectores da actividade nacional: unidade de pensamento, unidade de acção. O espírito desta reünião é o mesmo que tem presidido a outras similares e traduz-se na íntima colaboração entre os diferentes graus hierárquicos chamados a realizar determinada obra. Assim se consegue harmonizar ràpidamente, sem hesitações que provocam quási sempre atrazos e demoras, as medidas que hão-de traduzir a aplicação de uma lei a todo o país. Assim tem sido possível levar a cabo, com segurança e unidade invejáveis, o ressurgimento da nação.

Em assunto de tão transcendente importância como é o da entrada definitiva em vigor do novo Código, do Código de Salazar, a reünião dos Governadores assume extraordinário interêsse na marcha da Revolução Nacional.

Cartas a uma amiga de longe

Fevereiro, 1941

Minha querida:

O último domingo foi de alvoroçada alegria para todos os que têm em Africa entes queridos, cuja ausência é motivo de constante e pungente saüdade. Creio que não houve ninguém que não tivesse recebido uma carta, notícias dos que, tão longe, mourejam o pão de cada dia.

A guerra, que cada vez mais dificulta a recepção do correio, põe-nos a todos numa ansiedade penosa, donde apenas saímos quando uma carta chega, mesmo atrasada.

Por isso só agora tivemos conhecimento duma festa devéras simpática e que entusiasmou a gente do Lobito. Foi a *ceia do soldado*.

Sabemos todos que há meses partiu para Angola o 2.° batalhão expedicionário. Chegado lá, dividiu-se em companhias que se dispersaram por diferentes terras, tendo uma delas ficado no Lobito, comandada por um hábil e distinto oficial, muito meu conhecido e amigo e quási um aveirense—o alferes Evangelista Barreto.

Nas proximidades do Natal, o jornal da cidade, começou a publicar artigos encimados pelo titulo—*A ceia do soldado*—e onde se lembrava o quanto seria simpático fazer uma festa aos soldados na noite da consoada. Assim, a saüdade da família e da pátria, que em dias festivos é mais dolorosa e mais pungente, seria mais atenuada, menos dura de suportar. E os lobitanos, entusiasmados e sensibilizados com essa idéa—ou não fôssem êles portugueses e alguns afastados, também, dos seus torrãozinhos pelas exigências da vida...—contribuíram largamente para que a ceia fôsse algo de lauto e de variado. E na véspera de Natal, choveram as rabanadas, os dôces variadíssimos que, dizia o jornal, *faziam raiva aos das melhores confeitarias metropolitanas*, os chocolates, os vinhos, as frutas, o tabaco e tudo o mais. Na mesa, onde, em tocante camaradagem e amisade, se sentaram os setenta e tantos soldados, não faltou nada—nem que comer, nem guloseimas, nem alegria, nem comoção. E mesmo o general, entusiasmado com aquela idéa simpática, se associou à festa; pronunciando um discurso, onde havia mais do amigo do que do chefe. Por fim, um soldado agradeceu em nome dos seus camaradas a linda festa que lhes fizeram e tão bem o fez, tão sentidamente, que comoveu a todos. Disse êle que em troca de tantas gentilezas, nada poderiam dar, excepto, na hora do perigo, o seu sangue e as suas vidas.

E' consolador ver como os portugueses de além-mar conservam o amor da sua pátria e o manifestam, sempre que para isso haja oportunidade, e é tocante a maneira carinhosa como os oficiais tratam os soldados confiados à sua guarda, vulgarmente gente ingénua e boa que, sem a protecção amiga dos seus chefes, muito mais deveria sofrer nessas regiões escaldantes da A'frica.

Um abraço da

Zèmi

Quem acode à "pequena imprensa?„

Os nossos colegas continuam a lançar incessantes apêlos, aflitivos S. O. S., porque o papel, sempre a subir, atingiu elevadíssimo preço e não é fácil conseguir-se. Os ouvidos, porém, estão todos tapados... Vai uma surdez por aí fóra!...

Eis como se exprime, a propósito, o *Comércio de Chaves*:

A imprensa regional, por se destinar a meios um tanto restritos, é parca de assinaturas, sempre comedidas em preço, e carece de exploração de anúncios.

A sua vida nunca foi desafogada. Mas, ao presente, as dificuldades da sua existência revestem extrema gravidade. Está ela ameaçada de aniquilamento, mas reage com espantosa energia.

O seu esfôrço é surpreendente. O leitor dê-se a calculos sôbre o preço do papel, sôbre os gastos tipográficos, sôbre as despesas do correio, sôbre as rendas de casa, sôbre os vencimentos do pessoal e, também, a respeito de várias outras cousas bem compreensíveis, que fazem parte integrante das despesas de qualquer emprêsa, tomando em linha de conta as inerentes à confecção dum jornal, e talvez faça ideia das cautelas equilibristas e da luta ingente que se dispende e se trava para semanalmente aparecer a gazeta.

Esta imprensa é crèdora da máxima admiração e tôda a simpatia. Deve-se-lhe o maior aplauso. Que não sejam só os favores do público; que seja igualmente o elemento oficial a cuidar da sua existência, indispensável ao progresso dos povos.

Pois sim, colega. Mas como poderá isso acontecer se anda tudo mouco?...

Notas Mundanas

Aniversários

Fizeram ontem anos o sr. Hermenigildo Meireles e a esposa do sr. Francisco dos Santos Silva, ausente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil). Hoje fazem as interessantes Maria Manuela de Pinho Cabrita e Maria Luisa Machado Carmo, filhas, respectivamente, dos srs. Artur Martins Cabrita, funcionário da Direcção de Estradas do Distrito, e capitão Carlos Maria do Carmo, actualmente em Luanda (Africa Ocidental); no dia 11, a menina Julia Marques Mendes, irmã do sr. Carlos Mendes, do Jardim das Modas; *a esposa do sr. Manuel Nunes Ramos, professor em Ilhavo, e os srs. dr. Manuel Rodrigues da Cruz e António Simões Cruz, guarda-livros dos* Armazens de Aveiro, L.da; *em 12, a gentil Maria Luisa Paula dos Santos, filha do sr. alferes Luís Paula dos Santos, ausente em Malange (Angola) e o sr. Francisco das Neves Vieira, 2.º sargento de Cavalaria 5, e em 13, o sr. Julio Costa Júnior, do Pôrto, e os meninos Jorge Manuel e Fernando, filhos do nosso amigo Manuel Mano, empregado superior dos correios e telégrafos em Lourenço Marques (Africa Oriental).*

Casamentos

Para o sr. dr. José Maria Soares Carinha, que há pouco concluiu a sua licenciatura em Direito, foi pedida, no domingo, a mão da sr.ª D. Crisanta do Amaral Rosa, professora oficial e filha do sr. Alberto Rosa.

O enlace efectuar-se-á brevemente.

Gente nova

Em Bichlim (India Portuguesa) teve o seu feliz sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Joana da Rocha e Cunha Amorim de Lemos, esposa do sr. dr. Alberto Rafael Amorim de Lemos, delegado do P. da República naquela comarca, e filha do capitão de Mar e Guerra, sr. Rocha e Cunha.

As nossas felicitações.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. dr. Henrique Paz, secretário geral do Govêrno Civil de Viseu; Nuno Meireles, empregado da casa Agostinho Ricon Peres, do Pôrto; António Ramires Ferreira, aspirante de Finanças em Góis; José Soares da Costa, chefe de conservação de Estradas em Agueda, e João de Pinho Nascimento, residente em Afurada (V. N. de Gaia).

Doentes

Devido a uma queda de que lhe resultou a fractura duma perna, não tem saído de casa o sr. João da Cruz Moreira, negociante de pescado e antigo guarda-redes do Beira-Mar.

Desejamos-lhe completo restabelecimento.

Livros

Lisboa

Ora aqui está uma monografia que honra sobremaneira o Secretariado da Propaganda Nacional e quem a escreveu e ilustrou—Norberto de Araújo e Maria Keil do Amaral. Tudo nela é primoroso desde a capa. E sôbre utilidade, nem se fala. O turista tem ali um guia com todas as indicações, sem lhe faltar um bocado de história antiga, digno de apreço.

Agradecemos ao S. P. N. a oferta.

Distribuïção de esmolas

Eis a relação dos pobres que contemplámos no dia 31 de Janeiro com 10$00 cada um:

Tereza de Jesus Adelaide, R. de S. Martinho; Ludovina Pereira, idem; Adelaide Vilaça, idem; Pedro de Sousa, R. de Santo António; Angelina Galega, R. da Fonte Nova; Domingos Campos, idem; Margarida Raposo, R. da Corredoura; José Chirineta, R. de Ilhavo; Zulmira Ramusga, R. de Sá; Maria da Luz de Pinho, idem; Maria Marques, idem; Luisa Peixinho, R. da Granja; Amélia de Jesus, R. do Gravito; Maria dos Anjos, idem; Olimpia Peixinho, R. dos Marnotos; Maria José de Lemos, R. das Olarias; António Abranches, R. Direita; Margarida de Matos, R. da Sé; Maria Emilia Marques, R. de S. Sebastião e uma envergonhada.

Com mais um salto...

O *Môlho de Escabeche* dá que falar e que... entender. A propósito da sua representação no Pôrto, lá para depois do Carnaval, o nosso presado colega *A Aurora do Lima*, de Viana do Castelo, escreve:

O Grupo Cénico do Clube dos Galitos, de Aveiro, que tão ruidosos aplausos arrancou ao público lisboeta, em três espectáculos consecutivos, no Coliseu dos Recreios, conforme nos referimos em número transacto, tem recebido inúmeros pedidos para se exibir em vários pontos do país.

Tudo leva a crêr que, em breve, na cidade Invicta, seja levada à cêna a esplêndida revista *Môlho de Escabeche*, devendo conquistar idênticos louros aos alcançados na capital.

Com mais um salto...—se os dirigentes daquele magnífico conjunto artístico o quizerem—teriamos o inefável prazer de o apreciar.

Venham, que, como sempre, serão bem recebidos!

Sério, querida *Aurora*?...

* * *

E já que estamos com a mão na massa: a revista *Ocidente* publica o seguinte:

Veio a Lisboa dar curta série de espectaculos o Grupo Cénico do Clube dos Galitos, de Aveiro. Ao apresentar, como quadros de fantasia e não de *folclore*, os costumes e trajes, pensamento e cantares, da região aveirense, fê-lo com o aprêço que merecem tais manifestações como factor cultural, intrinseco e extrinseco. Quanto mais não vale esta actividade artística do que as mistificações corriqueiras dos *Grupos* ou *Ranchos folclóricos* de exibição permanente!

Agremiações locais

Mais corpos gerentes eleitos noutras colectividades para o corrente ano:

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, dr. Alberto Souto; *vice-presidente*, Carlos Aleluia; *1.º secretário*, Albano Henriques Pereira; *2.º*, Jeremias dos Santos Moreira.

CONSELHO FISCAL

Tenente Jaime Sabino, Francisco Augusto Duarte e Manuel José da Costa Guimarãis.

DIRECÇÃO

Presidente, Ricardo Mendes da Costa; *tesoureiro*, José Marques Sobreiro; *secretário*, João Evangelista de Campos; *vogais*, João Soares e Gonçalo Pinto.

Companhia Voluntária de S. P. Guilherme Gomes Fernandes

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, dr. Luís Regala; *1.º secretário*, Agostinho Pinheiro; *2.º*, Domingos da S. Cravo Novo.

Substitutos

António Pereira Osório, Inocêncio Soares e José Martins.

CONSELHO FISCAL

José Duarte Simão, Augusto Natividade e Silva e José Maria dos Santos.

Susbstitutos

Alberto Oliveira Carvalho, José Carvalho da Silva e José Fernandes de Sousa.

DIRECÇÃO

Presidente, José de Pinho; *tesoureiro*, Henrique dos Santos Rato; *1.º secretário*, José Vieira de Oliveira Barbosa; *2.º*, João S. Cravo Júnior; *vogal*, António Martins Arroja.

Substitutos

Dr. Alberto Ruela, António Ferreira da Silva, Fernando Joaquim Rocha, Américo Carvalho da Silva e José Simões de Almeida.

Banda Amizade

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, padre António Estêvão; *1.º secretário*, José Lemos; *2.º*, Justiano António.

DIRECÇÃO

Presidente, Armando Silva; *vice-presidente*, José Vieira Barbosa; *1.º secretário*, António Duarte Regino; *2.º*, António Pereira Campos Naia; *tesoureiro*, José de Sousa Marques; *vogais*, António Limas e Amadeu Couceiro.

Substitutos

Alberto Casimiro, José Gamelas, Manuel da Vinha, António Mendes Leal, Firmino Costa, José Marques e José Pires.

Necrologia

Com 66 anos morreu, na segunda-feira, José António da Silva, mais conhecido pelo *José Chirineta*.

Foi sapateiro, deixa três filhos e há muito que enviuvara.

Agradecimento

Manuel Ferreira da Silva e família vêm por êste meio manifestar o seu reconhecimento ás pessoas que durante a doença de seu filho, Elviro Regulus da Silva, se interessaram pelo seu estado, e depois do triste desenlace o acompanharam à última morada.

A todos, sem excluir os médicos assistentes, se confessam sumamente gratos.

Aveiro, 6 de Fevereiro de 1941.

Comarca de Aveiro

Editos de 20 dias

2.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da 2.ª Vara da Comarca de Aveiro, correm editos de 20 dias, contados da última publicação dêste anuncio, citando os crèdores desconhecidos, para, no praso de 10 dias, decorrido o dos editos, virem deduzir os seus direitos na execução hipotecária requerida pelos exequentes D. Maria da Conceição Teixeira da Cunha, viuva, proprietária, desta cidade, e António Marques da Cunha, casado, proprietário, do lugar e freguesia da Gafanha da Nazaré, desta comarca, contra os executados José Rodrigues Gomes e mulher Luiza Dias da Costa, lavradores, do lugar e freguesia de Cacia, desta mesma comarca.

Aveiro, 24 de Janeiro de 1941.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção

António Augusto dos Santos Vitor

Anúncio

A gerência da sociedade *Matos, Agra & C.ª L.ª*, convoca os senhores sócios e nomeadamente os representantes do falecido sócio senhor Joaquim Ferreira Gamelas, para uma reünião que se deve realizar, na sede, no próximo dia 18 de Fevereiro, pelas 14 horas, afim de se deliberar sôbre a dissolução e liquidação da mesma sociedade.

Aveiro, 10 de Janeiro de 1941.

A gerência

Secção Desportiva

Basket-ball

Para o torneio da *Taça Aurélio Fonseca* defrontaram-se, domingo, no Campo do Parque, o *Clube dos Galitos* e o *Valegrandense*, terminando o encontro com os locais a ganhar por 22-13.

A arbitragem esteve confiada ao sr. Joaqnim Alves Teixeira, da A. B. B., do Pôrto, e os grupos apresentaram as seguintes linhas; *Valegrandense*, Aquilino, Alves Pereira, Ivo, Neves e Nelson; *Galitos*, Baldomero (depois Fino), Ferreira, Sousa, Fino (depois Horta) e Matos.

A'manhã jogam, de novo, os mesmos grupos, principiando a partida às 16 horas.

Em Oliveira de Azemeis

—x—

Os habitantes desta linda vila do nosso distrito prestaram ao seu conterrâneo, Domingos Costa, uma homenagem, que consistiu na inauguração do seu busto no Parque de La-Salette, talvez o maior atractivo da terra, visto ter sido o saüdoso extinto quem mais concorreu para a transformação do Monte dos Crastos onde se acha situado.

Conhecemos Domingos Costa. Era uma excelente alma, um coração magnânimo e um oliveirense todo devotado ao engrandecimento do seu torrão natal. Praticou o bem em alta escala. Deixou nome.

Curvamo-nos, também, perante a sua memória, na hora da justiça.

Correspondências

Costa do Valado, 6

Foi assaltado na noite de sabado para domingo o armazem de adubos da firma Abcássis & Irmãos, próximo da estação de Quintans, mas os larápios, não encontrando o que mais os interessava, retiraram sem nada levarem.

—Finou-se na Granja, com 63 anos, Rosa Tavares, casada com Manuel de Almeida Ferreira, e na Moita da Oliveirinha José Gonçalves de Pinho, de 81 anos.

C.

Esgueira, 6

Deixou de existir a semana passada, Augusta Rodrigues, de 65 anos, que há muito tinha enviuvado.

Pêsames aos seus.

—Teve o seu bom sucesso a semana passada, dando à luz mais um menino, a sr.ª D. Palmira de Oliveira Castro Vinagre, esposa do sr. Waldemar de Pinho Vinagre e filha do sr. Francisco da Silva Castro, industrial no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil).

Mãi e filho encontram-se bem.

C.